



**QUARTO DOMINGO DA QUARESMA
21/03/2004**

1ª leitura (Antigo Testamento) - Josué (4:19-24) 5:9-12

Alguns estudiosos do Antigo Testamento como Von Rad defendiam a tese de que Josué seria o sexto livro da primeira coleção de livros da Bíblia. Assim em vez de Pentateuco (coleção de cinco livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) seria Hexateuco (coleção de seis livros incluindo Josué). A lógica desta tese era que o Pentateuco ficava incompleto ou truncado, pois não resolvia a questão da terra aonde Moisés nunca chegou (cf. Dt 34).

Hoje a maior parte dos biblistas entende que Josué faz parte da Obra Historiográfica Deuteronomística (incluindo Jz; 1 e 2 Sm; 1 e 2 Rs). Esta coleção literária foi construída durante o Exílio Babilônico (587 a 538 a.C.) com a intenção de explicar a razão da desgraça de Judá com a destruição do Templo de Jerusalém e a deportação da sua elite política, econômica e militar (cf. 2 Rs 24). Então qual seria a função teológica do livro de Josué?

O livro de Josué funciona como uma chave de interpretação para o resto da OHD. Ele mostra de forma simples (às vezes até simplista), sempre dentro da ótica monárquica, que se o povo e seus dirigentes são fiéis a Deus e mantêm os princípios da Aliança serão sempre bem sucedidos em seus empreendimentos (cf. Js 1:6-9). Por outro lado se não se mantiverem fiéis à Aliança serão abandonados por Deus e cairão nas mãos dos seus inimigos (cf. Js 7:2-5). Assim os tempos da monarquia de Israel em que houve grandeza dos seus reis foi porque foram fiéis e quando caíram em desgraça diante dos seus inimigos foi porque abandonaram a Aliança com Javé (como tenta demonstrar o resto da OHD).

O texto deste domingo representa de várias formas a Aliança entre Javé e o povo de Israel (as doze tribos). As doze pedras sobre o Jordão teriam como consequência a revitalização da Aliança com o Deus Libertador do Egito (cf. 4:6-7 e 21-23). Nesta lógica a reafirmação memorial da Aliança seria a condição para vencer tanto os obstáculos naturais (rio Jordão) quanto os inimigos do povo libertado (cf. 5,1). Então a partir das pedras é exaltado o segundo grande símbolo da Aliança: a circuncisão (5:2-9) onde também se liga Aliança com Libertação (5,9) e encerrará com o terceiro grande símbolo da Aliança que é a Páscoa, ou seja, a refeição que liberta feita dos produtos da terra libertada! (cf. 5:10-12).



Na Quaresma fazemos, na Igreja Cristã, uma reflexão sobre nossa fidelidade à Aliança Libertadora de Deus. Mas, como busca reafirmar o livro de Josué, é necessário lembrar que não se trata apenas de uma Aliança, mas de uma Aliança que liberta da dependência (representada pelo Maná em 5:12) e busca o crescimento sustentável de todo o povo (de todas as pedras, de todas as vidas com todos os produtos). Não pode ser uma aliança egoísta e fechada como mal interpretou o irmão maior em Lc 15:29. (HMG).

2ª leitura (Epístola) – II Coríntios 5.17-21

Há muitos anos, um famoso pregador lançou um livro cujo título pode muito bem ser adotado por qualquer outro pastor em qualquer outro momento histórico: “novos ministros para uma nova realidade”. É claro que ele estava querendo se referir aos problemas que sobrevinham sobre os ministros na década de oitenta, mas, com este título, ele bem que poderia está falando para pessoas no início do século XXI.

No texto da Epístola de hoje, Paulo, com o coração cheio de amor por aquela comunidade em Corinto, tenta demonstrar que está possuído pelo zelo apostólico e pela abnegação que é própria dos ministros de Deus. E, no centro de sua argumentação, ele se autodenomina, e a todos os cristãos com ele, de “embaixadores” em nome de Cristo. Para Paulo, o tipo de ministério para o qual fomos chamados é semelhante ao de um embaixador ou um diplomata, que representa um país mesmo estando em outro. Neste texto encontramos três verdades que ilustram que tipo de ação a igreja deve ter no mundo, e que tipo de atitude ela deve manifestar nesta sociedade pós-moderna.

Em primeiro lugar, a igreja deve manifestar a graça: “tudo provém de Deus”. (v.18) É comum compreender a “graça” como aquele “favor imerecido” que recebemos de Deus. A graça acontece quando Deus *nos dá aquilo que nós não merecemos* e, de acordo com Paulo, Deus nos deu, em Cristo, uma nova vida. (v. 15 e 17). Ao nos dar uma nova vida, Paulo está nos dizendo que Deus nos deu uma nova perspectiva para nossa vista e um novo alvo para nossa existência. Agora podemos olhar para as mesmas coisas com uma perspectiva completamente diferente. Aquilo que víamos como ruim ou como sem sentido,



passa agora a ser visto dentro do plano de Deus para nossa vida. Podemos olhar para a história não como a sucessão fortuita de eventos, mas como uma realidade que caminha para seu fim (telos, não escaton). Esta perspectiva, contudo, só tem sentido quando a observamos a partir de uma realidade de fé. Não se trata de compor mais uma racionalidade social totalizante aos moldes da que foi proposta por Hegel, mas de compreender o paradoxo da paixão de Deus por cada um de nós, particularmente, e sua absoluta soberania ao governar o universo.

Em segundo lugar, a igreja deve manifestar a misericórdia: "...não imputando aos homens as suas transgressões". (v. 19) Se na graça, Deus nos dá o que não merecemos, *na misericórdia Deus não nos dá o que merecemos*. Deus é descrito na Bíblia como misericordioso justamente porque resolve não levar em consideração a "absoluta distância qualitativa" que o separa dos homens e se revelar a eles. Mas sua revelação não foi uma revelação qualquer. Ela é descrita em termos de "encarnação". Deus não nos visitou com sua ira ou com sua indignação. Ele nos visitou, ele "tabernaculou" conosco (Jo 1:14) em Jesus, mostrando sua misericórdia ao "não imputar aos homens" suas transgressões.

Em terceiro lugar, a igreja deve manifestar a reconciliação: "rogamos que vos reconcilieis" (v. 20). Reconciliar implica em buscar uma nova conciliação. Significa lutar para que os inimigos naturais possam conviver. Significa abando no das posturas de arrogância e o desenvolvimento da capacidade de andar junto, lado a lado, com aquele que antes eram nosso inimigo. A mensagem da Igreja deve promover a reconciliação, a concórdia, a reunião daqueles que o tempo, as condições sociais, os percalços da vida separou.

O profeta Malaquias, falando a respeito da vinda do Messias dizia que, quando ele vier, converteria o "coração dos pais aos filhos e dos filhos aos pais". Uma grande reconciliação é o que devemos promover. Pais e filhos, irmãos e irmãs, bárbaros e gregos, homens e mulheres, brancos e negros, a Igreja deve buscar promover a graça perdoadora, a misericórdia e a reconciliação, como elementos essenciais de uma nova era de paz e de justiça social. (JLFA)

Santo Evangelho – Lucas 15.11-32

É interessante notar que o capítulo 14 termina com as palavras: "quem tem ouvidos para ouvir, ouça!", e o capítulo 15 inicia dizendo: "muitos publicanos e pecadores se aproximavam de Jesus para O ouvir!" Com a intenção de transmitir os ensinamentos de Jesus a quem realmente deseja ouvir as palavras de Salvação do Filho do Homem, São Lucas reúne estas três



comparações (exclusivas de seu Evangelho) para falar da imensa alegria (júbilo) de reencontrar aquilo/aquele que estava perdido. Estas três parábolas enfatizam a busca incessante do "dono", o perdão oferecido gratuitamente ao arrependido e a nova vida a partir do re-encontro de um com o outro. Para isto ele usa três exemplos: (a) do **pastor** que celebra com os amigos ao encontrar a "ovelha perdida"; (b) da **mulher** que convida as amigas para se alegrarem com ela ao encontrar a "moeda perdida"; e (c) do **pai** que prepara um banquete para festejar o reencontro com o "filho perdido".

Pode-se igualmente observar que a quantidade e o valor do "bem perdido" aumentam considerável e progressivamente: - uma ovelha entre 100 equivale a 01 por cento, e era um bem, relativamente, barato e de fácil reprodução; uma moeda entre 10 equivale a 10 por cento, e era um bem de difícil aquisição; um filho entre 02 equivale a 50 por cento, e era um bem de inestimável valor.

Ainda a título de introdução é necessário ressaltar dois aspectos que fazem-nos perceber: (a) a facilidade (talvez com pitadas de ciúme e/ou inveja) com que os fariseus e os saduceus censuravam Jesus porque "recebia pecadores e comia com eles"(v.2), e (b) a **alegria** (palavra presente nos três textos) do perdão e do reencontro sempre enfatizados por Jesus ao final das parábolas (vs. 7, 10 e 32).

Isto leva-nos a concluir o quão difícil era (senão quase que impossível) para os religiosos da época e para os adversários de Jesus "entrarem no espírito" dos Seus ensinamentos e aceitarem a alegre gratuidade da salvação que o Cristo de Deus traz a todos indistintamente.

O filho arrependido e o pai misericordioso: para melhor compreensão desta narrativa deve-se levar em consideração os dois aspectos simultâneos e paralelos desta parábola: o **filho** que, em gesto de humildade e contrição, demonstra arrependimento por suas atitudes e coragem para voltar, e o **pai** que, em alegria incontida e amorosa recepção, demonstra total acolhimento ao filho que retorna à casa. São os dois lados da "mesma moeda", ou seja, não há perdão e acolhimento sem contrição e arrependimento (e vice-versa). Além disso, Jesus enfatiza o "livre-arbítrio" de ambos, isto é, são duas liberdades que se autocomplementam para que o reencontro tenha sua verdadeira eficácia e real consequência. Um encontro até pode, mas nunca deve ser unilateral, pois para que exista reciprocidade e complementaridade sempre deve existir o diálogo de vontades e o respeito aos valores individuais e/ou coletivos.

Cabe ainda levar em consideração a diferença de atitudes entre os atores das duas primeiras parábolas e o da última, ou seja, naquelas a iniciativa é do proprietário (vai buscar o bem perdido), nesta é do próprio interessado (que



toma a iniciativa do retorno); naquelas são seres inanimados que precisam ser buscados, nesta é um ser racional que deseja e propõe-se a restaurar a sua própria vida.

O filho correto (vs. 25-31): a atitude do “filho mais velho” ressalta a postura daqueles que, cumprindo severa e diligentemente todos os deveres da lei e da ordem, não conseguem perceber nem alargar os sentimentos para acolher aquele que se equivocou na escolha do caminho. É o gesto próprio daqueles que, arrogantes e orgulhosos de sua conduta (apesar de hipócrita e perversa), acham-se melhor que os outros e não aceitam e nem admitem que Deus pode abraçar e acolher até mesmo aqueles que O enfrentaram e abandonaram para trilhar seu próprio destino. Por isso, o filho mais velho não participa da festa e não partilha da alegria do reencontro, pois ao ressentir-se com o pai (por sua atitude de acolhida), sentir-se dono da casa (ao reclamar do gasto para a festa) e não permitir a alegria do reencontro (ao não participar do jubiloso momento) não consegue perceber que tudo, na verdade, é graça e dom do pai que acolhe e dá a todos infinitamente mais do que podemos imaginar, desejar ou pedir.

Moral da história: Jesus enfeixa Seus ensinamentos (conforme as narrativas lucanas) ao resumir: “é preciso se alegrar e festejar porque o que estava morto reviveu; o que estava perdido foi achado!” (v. 32). O centro da Boa Nova de Jesus Cristo no Evangelho de São Lucas é o anúncio do perdão divino que leva todos os perdidos-pecadores a se reencontrarem com o Pai amoroso. E isto, por si só, já é motivo de festa!

Desafio quaresmal: a partir de seu re-encontro com o “Papai do Céu” (Abba: paizinho; papai querido) disponha-se HOJE a refazer um relacionamento/s que foi rompido por causa de qualquer motivo não importando, se quer, se você estava certo e cheio de razão! Faça do Hino 267 (A conversão) a sua oração e a diaconia desta quinta semana quaresmal. (RH)